

## Orfeo en el discurso artístico: la pervivencia de un arquetipo

### *Orpheus no discurso artístico: a sobrevivência de um arquétipo*

María José Sánchez Usón<sup>1</sup>

Universidad Autónoma de Zacatecas, México

[mjsanchezu@hotmail.com](mailto:mjsanchezu@hotmail.com)

### Resumen

Orfeo ha sido tratado como inspiración y temática por la gran mayoría de artistas de todos los géneros, tiempos y lugares, atraídos, sin duda, por el imperecedero hechizo de su lira. Ante esto, cabe preguntarse de dónde viene la fascinación que ha contribuido a popularizar y preservar la historia órfica, y la respuesta nos conduce a diferentes orígenes: Primeramente, de la atractiva dualidad que conjuga su mito, dos extremos: el amor y la muerte; la luz, representada en la naturaleza en todo su esplendor y en la radiante Eurídice, y la oscuridad, contenida en su catábasis o descensus ad inferos. Orfeo cautiva, también, por haber sido introductor de ritos y misterios, y, en suma, por toda la ambigüedad que rodea su vida y su muerte, susceptibles de un complejo simbolismo.

**Palabras Claves:** Orfeo, mitología, simbolismo, artes.

### Resumo

Orfeu tem sido tratada como uma inspiração e tema para a grande maioria dos artistas de todos os gêneros, épocas e lugares, atraídos, sem dúvida, pelo encanto duradouro de sua lira. Diante disso, a questão de onde o fascínio que tem ajudado a popularizar e preservar a

---

<sup>1</sup> María José Sánchez Usón, Doctora en Historia Medieval por la Universidad de Zaragoza (España), es docente-investigadora de la Unidad Académica de Docencia Superior, en la Universidad Autónoma de Zacatecas (México), y miembro del Cuerpo Académico Consolidado UAZ-CA 129 *Investigación, docencia e interpretación musical con énfasis en los instrumentos de cuerdas*. [mjsanchezu@hotmail.com](mailto:mjsanchezu@hotmail.com)

história órfico vem, ea resposta leva a diferentes fontes: Primeiro, sexy dualidade combinando seu mito, dois extremos: o amor ea morte; luz, representada na natureza em todo o seu esplendor e Eurídice em claro e escuro, contida no sucatabasis inferos descensus ou anúncio. Orfeo cativo, também, por ser introdutor de ritos e mistérios, e, em suma, toda a ambigüidade em torno de sua vida e da morte, sujeitos a um simbolismo complexo.

**Palavras-chave:** Orfeo, mitologia, simbolismo, Artes.

**Fecha recepción:** Diciembre 2014

**Fecha aceptación:** Julio 2015

---

## Introdução

A lenda de Orfeu, o cantor trácio, é bem conhecido especialmente estudiosos do mundo antigo, especialmente grego, e aqueles dedicados à história da religião e mitologia<sup>2</sup>. Mas para além destas áreas do conhecimento que tem sido e é o assunto de interesse em todos os domínios artísticos.

---

<sup>2</sup>De acuerdo con la tradición, Orfeo nacería un siglo antes de la Guerra de Troya. Era hijo de Eagro, rey de Tracia, y de Calíope, la principal de las musas. Pero según otras fuentes, por ejemplo para los textos de los humanistas españoles, su padre fue Apolo, dios de la música. De él mismo aprende a cantar y a tocar la lira, y con sus habilidades hechiza a quienes y a cuanto le rodean. Un día conoce a la ninfa Eurídice y se enamora de ella, pero la auloniade es mordida por una serpiente y muere, por lo que Orfeo, desconsolado, desciende al inframundo para recuperarla. Allí, sus reyes, Hades y Perséfone, le permiten regresar con Eurídice a la tierra de los vivos, con la condición de caminar siempre delante de ella y no volver la cabeza para mirarla durante el viaje. A pesar de esta promesa, Orfeo se gira para ver a su amada y en ese momento Eurídice muere por segunda y definitiva vez. Sobre su muerte tampoco existe una única versión: fue fulminado por un rayo, se suicidó presa de una profunda tristeza, o murió despedazado por las ménades o bacantes de Tracia, cuyas propuestas amorosas habían sido rechazadas, y que bien pudieron ser incitadas por Dioniso, celoso de la devoción que el cantor profesaba a Apolo.

Orfeo tem vindo a ser tratado como sujeito e inspiração para a grande maioria dos artistas de todos os gêneros, épocas e lugares, sem dúvida, atraídos pelo charme intemporal de sua lira. Antes disso pode ser formulado em que o fascínio que tem contribuído para popularizar e preservar sua história e resposta leva a diferentes origens vir: Em primeiro lugar, e forma estendida, estética precisa o público recebeu e criação adequado, se este é mais sugestivo e imaginativa. Além disso, Orfeo combina um atraente dualidade de amor e morte; luz, representada no ambiente natural que o rodeia em todo o seu esplendor eo aquecimento Eurydice, e seu oposto, a escuridão, contida na sua "katabasis" ou "ad inferos descensus"; introdução de ritos religiosos e os mistérios e toda a ambiguidade que envolvem a vida ea morte. Da mesma forma, há algo mórbido sobre ele que estimula a curiosidade humana, tendo sido atribuída a essa grande peso simbólico que tem vindo a ser comparada com a do próprio Cristo, colocando ainda alguma influência sobre a formação do cristianismo primitivo, como iconografia cristã primitiva atesta Bom Pastor<sup>3</sup>, censurado nos escritos dos Padres da Igreja como Clemente de Alejandría (*Protrepticus*), Eusebio de Cesarea (*Praeparatio evangelica y Vita Constantini*), el Pseudo Justino (*Cohortatio ad graecos*), San Agustín (*Contra Faustum*) o Cirilo de Alejandría (*Contra Iulianum*).<sup>4</sup> Diante disso, o historiador e latinista Pierre Grimal<sup>5</sup> Ele diz que o mito de Orfeu é um dos mais sombrios e carregados de simbologia poucos registros da mitologia grega. Conhecido desde tempos muito remotos, ela evoluiu para lenda, em torno do qual existe uma abundante literatura, em grande parte esotérica. Além disso, a história órfico é revestido com uma maior metáfora, uma imagem fundamental: o poder, a encantadora, transformador, influência da música e palavras, seria o filósofo Baleares Francesc Josep Casadesús<sup>6</sup>, mas também um poder que vai além do imanente, que aspiram a alcançar a imortalidade, em sucessivas reencarnações.

---

<sup>3</sup> Cfr. Juan Antonio Martínez Berbel, "Algunas calas en el mito de Orfeo y su representación áurea", en *AISO*, Actas VI, Centro Virtual Cervantes, 2002, pp. 1277-1287.

<sup>4</sup> Cfr. Ramiro González Delgado, "Autores griegos cristianos y 'anábasis' órfica", en *Archivum. Revista de la Facultad de Filología*, Tms. LII-LIII, Oviedo, Universidad de Oviedo, 2002-2003, p. 207, Nota 24.

<sup>5</sup> Vid., Pierre Grimal, *Diccionario de mitología griega y romana*, Barcelona, Paidós, 1989, pp. 47-52.

<sup>6</sup> Francesc Josep Casadesús i Bordoy, "Orfeo y orfismo en Platón", en *Taula: Quaderns de pensament*, Nº 27-28, 1997, Palma de Mallorca, Universitat de les Illes Balears, pp. 61-74.

Em grego mítico Orfeu é distinguido pelo seu perfil original e a-histórica: É considerado o primeiro poeta e músico do mundo antigo, eo primeiro teólogo desde cultos e rituais instituídos que dão conteúdo ao mesmo tempo sagrado e religioso; em última análise, as suas competências e habilidades gerais são incontáveis. É por isso que a evocação da memória nos leva de volta a uma representação qualitativa multidisciplinar, que deve ser referenciado com rigor.

### Fontes Orpheus<sup>7</sup>

A história de Orfeu é registrada em muitas fontes históricas de natureza variada e mais fragmentada. A primeira evidência de que falam dele não são, como seria de esperar, o texto de uma Homero ou Hesíodo, mas os registros do poeta grego Ibico (s. VI a. C.), incluindo na lista canônica de nove Poets Lyric de Alexandria helenística. Em um trecho deste autor lê apenas ... Orpheus glorioso nome "; mas este evento dá o padrão e de admitir que o trácio era uma celebridade<sup>8</sup>. O epinicia, o poeta Píndaro (Ss .. VI-V aC), também dizem que: "E Apollo, o jogador da lira chegou, o pai do canto, a muito celebrada Orpheus"<sup>9</sup>, indicando a reputação como cantora tinha conseguido, acho que outra letra grega contemporânea, Simónides de Ceos (ss. VI-V a. C.)<sup>10</sup>, Ela fortalecerá, explicando que: "... inúmeros pássaros voaram sobre sua cabeça e peixes vertical, pulou para fora da água escura em sua bela canção"<sup>11</sup>.

Os dramaturgos gregos também citou em suas obras. Ésquilo (ss. VI-V a. C.), o primeiro grande representante da tragédia, o antecessor de Sófocles e Eurípedes menciona Orpheus em Agamemnon, parte de sua trilogia O Oresteia, onde o poder de sua palavra sugerida um

---

<sup>7</sup> Una completa bibliografía sobre Orfeo está disponible en Marco Antonio Santamaría Álvarez, "Orfeo y el orfismo. Actualización bibliográfica (1992-2003)", en *Ilu Revista de Ciencias de las Religiones*, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2003, pp. 225-264.

<sup>8</sup> *Lírica griega arcaica (Poemas corales y monódicos, 700-300 a. C.)*, Íbico. Fragmentos de lugar incierto, 21 (PMG 306), Madrid, Gredos, 2002, p. 240.

<sup>9</sup> Píndaro, *Odas y fragmentos*. Epinicios. Píticas IV, 177-178, Madrid, Gredos, 1984, p. 172.

<sup>10</sup> Simónides de Ceos es conocido, también, por la creación del procedimiento mnemotécnico.

<sup>11</sup> *Lírica griega arcaica...*, Simónides. Fragmentos, 37 (PMG 567), p. 269.

diálogo em que Egisto, amante de Clitemnestra, esposa do rei de Micenas, Corifeo responde à seguinte: "Você tem uma linguagem contrário ao Orpheus. Ele tinha atrás de si toda a alegria de sua canção...".<sup>12</sup> Enquanto isso, Eurípides (s. V a. C.), alude a Orpheus em três de suas obras: *Hipsípila*, *Bacantes* e *Ifigênia em Áulide*. Em *Hipsípila*<sup>13</sup> Ele é descoberto: "Eles disseram que, em meio ao lado do mastro, a lira de Orfeu, asiático Thrace, chamando seu pesar cantando suas ordens para os remadores, agora comandando uma navegação rápida, agora um descanso para os remos de abeto" ele está se referindo ao desempenho que teve na expedição dos Argonautas. Por sua vez, no *Bacantes* é citado: "... as fendas arborizadas do Olimpo, onde às vezes o som da cítara Orfeo reuniu árvores, reuniu as feras com sua música inspirada."<sup>14</sup> Finalmente, *Ifigênia em Aulis*, o mesmo Ifigênia Agamenon diz ao pai: "Se eu tivesse a eloquência de Orfeu, pai, para persuadir as minhas músicas para que as rochas são conmovieran, e que querem enfeitiçar, para este viriam".<sup>15</sup>

Os grandes filósofos irá se referir igualmente, a cantora de Thrace. Mas, se, por exemplo, Platão (ss. V e IV a.) No Simpósio Fedro posta na boca de uma opinião divergente sobre ele, argumentando que, de fato, quando desceu ao inferno em busca de Eurydice tinha agido como um covarde, e os deuses, mas não tinha apresentado um retrato de sua esposa: "Em vez de Orfeu, filho de Oeagrus mandaram embora sem conseguir qualquer coisa de Hades, depois de ter mostrado um fantasma de sua esposa, em cuja busca tinha chegado, mas não dá, porque o considerava um covarde, como Citaredo que era, e não se atrevem a morrer por amor como Alcestis,<sup>16</sup> mas ele conseguiu ir ao vivo no Hades".<sup>17</sup> No entanto,

---

<sup>12</sup> Esquilo, *Tragedias*. Agamenón, 1630-1631, Madrid, Gredos, 2000, p. 170.

<sup>13</sup> En la mitología griega, durante el gobierno de Hipsípila, reina de Lemnos, la diosa Afrodita maldijo a las lemníades, las mujeres de la isla, por no mantener en buen estado sus santuarios, por lo que fueron castigadas con una desagradable halitosis que ocasionó el rechazo de los hombres, los cuales prefirieron a sus esclavas. Este desprecio desató una terrible venganza femenina. *Vid.*, Eurípides, *Hypsipyra*, fr. I, 3, 8-14. *Cfr.* Francesc Josep Casadesús i Bordoy, *Orfeo. El poder encantador de la música y la palabra*. En línea: <http://www.liceus.com/cgi-bin/aco/culc/mit/08400.asp>

<sup>14</sup> Eurípides, *Tragedias*. *Bacantes*, 560-563, Madrid, Gredos 2008, p. 371.

<sup>15</sup> Eurípides, *Tragedias*. *Ifigênia em Áulide*, Vol. III, 1212-1215, Madrid, Gredos, 2008, p. 307.

<sup>16</sup> Alcestis, hija de Pelias, rey de Yolco, sacrificó su vida para salvar la de su esposo Admeto.

<sup>17</sup> Platón, *Diálogos*. *El Banquete*, Vol. III, 179d 1-7, Madrid, Gredos, 2008, p. 202.

apesar desta opinião depreciativa, deve ser tão convincente que este Orpheus Platão chegou a igualar seu poder de sedução para a persuasão de um sofista Protágoras de Abdera popularidade (s V aC ..): "Behind estes, outros ainda que ouviram o que foi dito e que na maior parte parecia estrangeiro, dos quais Protágoras traz todas as cidades por onde passa, encantando-os com a sua voz, como Orfeu, e que seguem encantado com sua voz".<sup>18</sup> Platônica última comparação é muito significativo, porque descreve Orpheus como uma espécie de alto-falante público fascinante, capaz de deslumbrar e não atrair apenas a natureza, mas também os homens. Em uma sociedade como a grega em que uma arte de falar bem é tido "considerou que havia algo de divino no dom de convencer os outros e destacar socialmente na ágora usando a palavra. Não há nada de estranho que, neste contexto, Orfeu foi julgado o primeiro sofista e um modelo".<sup>19</sup> Outra fonte possível é Apollodorus de Atenas (s II. A. C.), conhecido como Apolodoro "gramático", que foi atribuído, erradamente, um epítome da prosa intitulada Βιβλιοθήκη mitologia, conhecida como Biblioteca mitológica, onde tentaram conciliar as diferentes versões de cada mito que caracterizam os antigos poetas. Nesta passagem, lemos:

Calliope e preto, ou suspeita de Apolo, nascido Lino, a quem Heracles matou, e Orfeu, o Citaredo, cujo canto moveu as pedras e árvores; a morte de sua esposa Eurídice, mordido por uma cobra, Orfeu desceu ao Hades para resgatar ansioso e convenceu Pluto para mandá-la para cima. Este concordou com a condição de que Orfeu não voltar a face para cima para sua casa; mas ele desobedeceu, ele se virou e olhou para sua esposa, que teve que voltar abaixo. Fundada os mistérios de Orfeu e Dionísio, dilacerado por Maenads, ele foi enterrado perto de Pieria.<sup>20</sup>

Além disso, dois trabalhos têm sido atribuídas ao mesmo Orpheus, o *Argonáuticas órficas*,<sup>21</sup> e *Himnos órficos*.<sup>22</sup> O Argonautica, composta por 1377 versos, de pouco valor, narrar as aventuras de Orfeu com os Argonautas. A órfico Hymns, número 87, movendo-se certos princípios de Orfismo. Ambos os escritos, descritos como anônimo são escritos em

---

<sup>18</sup> Ibidem, Protágoras, Vol. I, 320a-325b, Madrid, Gredos, 2000, p. 379.

<sup>19</sup> Vid., *Orfismo*. En línea: <http://www.skymoon.wordpress.com/2008/05/20/orfismo>

<sup>20</sup> Apolodoro, *Biblioteca*, Libro I, 2, Madrid, Gredos, 2001, p. 45.

<sup>21</sup> *Argonáuticas órficas. Himnos órficos*, Madrid, Gredos, 2002, pp. 65-151.

<sup>22</sup> Ibidem. *Himnos órficos*, Madrid, Gredos, 2002, pp. 155-241.

épocas muito posteriores às fontes primárias. A primeira parece que foi feito em uma cronologia helenístico ou greco-romana,<sup>23</sup> ea segunda na Antiguidade tardia.<sup>24</sup>

Na cultura Latino ecoa a órfico ressoam: o autor da Eneida, Virgílio (BC .. Eu s), citado no Livro IV das Geórgicas, o segundo grande poema em importância entre os que escreveu, cujas intenção era encobrir e informar sobre a agricultura e construção, bem como, uma celebração da vida rural. Neste texto, o poeta faz uma exegese mais rico e terminou Orfeu e é também a primeira versão de sua história chegou cheio até hoje, porque, como já indicado, datas anteriores únicas pistas são de propriedade e fragmentos. Este recurso irá torná-lo Virgilio fonte privilegiada de digressões poéticas e temas da literatura posterior, especialmente a Renascença. Conta Virgilio em uma passagem de Georgic IV mencionou a morte de Eurydice:

...a jovem significava a morte estava em alta velocidade ao longo das margens do rio, vi seus pés na grama alta de um hydro monstruoso, que monitora os bancos. Em seguida, o coro de Dríades, sua idade, seus gritos preenchido com os topos das montanhas ... E ele, Orfeo, com a cítara côncava confortando seu amor infeliz, você, oh doce esposa, a ele que tens em a costa só, você na aurora, para você, quando se aposentou, você cantou.<sup>25</sup>

Ovídio (ss. I a. C. e I d. C.), autor de obras tão conhecido como *Art of Love* e *Metamorphosis*, detalhadas no décimo e décimo primeiro livro este último a vida ea morte de Orfeu eo Eurydice, cuja história pode ser comparada com a anterior:<sup>26</sup> "...enquanto a noiva caminhou sem rumo acompanhado por um grande grupo de Naiad, ele encontrou a morte depois de sofrer uma picada de cobra no calcanhar. Depois de ter chorado incansavelmente no mundo da luz e do ar, o poeta rodopeo para tentar também as sombras, se atreveu a ir até o Styx pela porta Taenarum".<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> Manuel Sánchez Ortiz de Landaluce, "Ritual y sacrificio en las Argonáuticas órficas", en *Classical and Byzantine Monograph*, N° 36, Amsterdam, Adolf M. Hakkert, pp. 170-184.

<sup>24</sup> *Argonáuticas... Himnos...*, Nota a pie de página N° 1, p. 65.

<sup>25</sup> Virgilio, *Geórgicas*, Libro IV, 457-467, Madrid, Gredos, 2008, p. 380.

<sup>26</sup> Ovidio, *Metamorfosis*, Libro X, 1-740, Madrid, Gredos, 2012, pp. 169-204.

<sup>27</sup> Ovidio, *Metamorfosis...*, pp., 168 y 169.

Os textos de Virgílio e Ovídio parece ser o mais influente em histórias posteriores, por isso, de agora em diante e para a posteridade, Orfeo por um grande músico e poeta, o inventor da lira eo transformador será Lira.<sup>28</sup> Principalmente através deles sabe-se que amava a música, desfrutando de si mesmo e todos com sua voz, que tinha a propriedade de acalmar a ferocidade dos animais e para alterar a localização da terra, água e flora.

Suas canções apaziguado os deuses do inferno e os seres monstruosos que habitam as profundezas do submundo chamado Tártaro. Os efeitos de sua música vai ser incrível: a roda de Ixion, rei da Tessália, condenado a transformá-lo constantemente para tentar seduzir a deusa Hera, está paralisada; Rocha de Sísifo é suspenso; Tântalo, que roubou a ambrosia da mesa dos deuses, e foi punido para que ele vá com fome e sede, esqueça o seu tormento, e até mesmo o mesmo cinquenta Danaides<sup>29</sup>, eternamente obrigado a encher seus barris, eles colocaram de lado sua dor.

Orfeo como músico e famoso, ele estava com Jasão e os Argonautas para Cólquida em busca da pele de carneiro fabuloso conhecido como o Velocino de Ouro. No navio Argos foi que apareceu com a navegação remadores. Ao longo da viagem, ele teve um papel de destaque: a tempestade se acalmou, tranquilizou seus companheiros e protegido de sirenes sedutoras e assustadoras.

Em seu contexto civilizacional é considerado, também, iniciador da medicina e da agricultura, a arte da escrita, bem como ritos e cultos religiosos em honra de Apolo e Dionísio.

Em suma, com Orfeu encontramos um deus ou o filho de um rei; um egomaniaco no amor com sua voz; uma paz que domina a natureza; um civilizador; um inventor, adicionando duas cordas à cítara; um praticante de magia e do oráculo; homem seletivo e fiel, porque eu

---

<sup>28</sup> Orfeo modificó la lira de siete cuerdas agregándole dos más en honor a las nueve musas.

<sup>29</sup> Hijas de Dánao condenadas a llenar toneles sin fondo por matar a sus esposos. 29 Ovidio, *Metamorfosis*, Libro X, 1-740, Madrid, Gredos, 2012, pp. 169-204.



adoro Eurydice; um viajante, um herói, capaz de descer ao inferno,<sup>30</sup> com a música parar seus tormentos; alguém que ganha e perde favor com os deuses e, eventualmente, morre devorado pelo bacantes; inclusive das artes; diríamos hoje: um artista multidisciplinar. A relação entre poesia e música, eo caráter sagrado de ambos, é um recurso que você quer enfatizar a Renascença. Neste sentido, Pedro Sanchez de Viana, poeta e teórico humanista, aponta diretamente para a reunião das artes na figura de Orfeu: "... os homens sem o espírito poético não aprender qualquer uma das artes humanas ... mais ... verdadeiros poetas Orpheus, Homero, Hesíodo e Pindar, colocar em sua poesia alguma evidência de que as artes são a prova de que entendeu".<sup>31</sup> A cantora irá apontar assim artística de confluência.

### **Orfeu na pluralidade das Artes**

Você não pode fazer até mesmo um breve relato de todas as expressões estéticas de Orfeu aqui, porque, além de universal, eles são incontáveis. Sirva esta breve seleção de autores como um sinal da vastidão e diversidade da sua gama no espaço cultural e tempo:

Na literatura, o Renascimento em diante, ficar Juan de Jauregui (Orfeu), Poliziano, (Favola di Qifro), que introduz o mito de Orfeu na Itália, Antonio Tebaldi (Orphei Tragoedia), o conto anônima de Orfeu e Aristeo, múltiplos referências e evocações que o cantor executa Garcilaso de la Vega (Ode à flor de Knidos, Elegy I, XV Sonnet, Sonnet XXIV, Song II, Égloga eu ...). Posteriormente, os sonetos de Gongora:

---

<sup>30</sup> Entre los pocos mortales que descienden a los infiernos figuran, junto a Orfeo, Odiseo, Hércules y Teseo.

<sup>31</sup> Vid., Enrique Valdés, *Música y poesía: el mito de Orfeo en la poética del Renacimiento español*. En línea: [http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718)

Herido el blanco pie del hierro breve,  
saludable si agudo, amiga mía,  
mi rostro tiñes de melancolía,  
mientras de rosicler tiñes la nieve.

Temo (que quien bien ama, temer debe)  
el triste fin de la que perdió el día,  
en roja sangre y en ponzoña fría  
bañado el pie que descuidado mueve.

Temo aquel fin, porque el remedio para,  
si no me presta el sonoro Orfeo  
con su instrumento dulce su voz clara.

¡Mas ay, que cuando no mi lira, creo  
que mil veces mi voz te revocara,  
y otras mil te perdiera mi deseo!<sup>32</sup>

E o romanceado poema satírico e desmistificar Quevedo:

---

<sup>32</sup> Luis de Góngora, *Obras completas*, Buenos Aires, Nueva Hólade, 2000.

Orfeo por su Mujer,  
cuentan que bajó al Infierno;  
y por su mujer no pudo  
bajar a otra parte Orfeo.  
Dicen que bajó cantando;  
y por sin duda lo tengo,  
pues en tanto que iba viudo,  
cantaría de contento...<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Francisco de Quevedo y Villegas, *Obras completas*. Verso, Madrid, Aguilar, 1952, p. 412.

Mais exemplos são as obras literárias de Lope de Vega (O amor, amor e mais firme marido), Calderón de la Barca (divina Orfeo), ou neorromanticista e poeta simbolista Rilke (Sonetos a Orfeu), fabricante de pura poesia homenagem póstuma ao jovem dançarina Vera Ouckama

Knoop:

Pero tú, oh divino, sin dejar de cantar  
cuando atacó el tropel de desairadas ménades,  
oh hermoso, con tu orden dominaste sus gritos,  
tu música se alzó sobre las destructoras.

No destruyó ninguna tu cabeza o la lira,  
aun peleando furiosas, y cuantas aguzadas  
piedras iban echando contra tu corazón,  
ante ti se amansaban y tenían oído.

Al fin te destrozaron, sedientas de venganza,  
aunque quedó tu canto en leones y rocas  
y en árboles y aves. Aún cantas ahora en ellos.

¡oh dios qué hemos perdido! ¡Oh tú, huella infinita!  
porque la hostilidad te dispersó en pedazos,  
somos boca y oído de la naturaleza.<sup>34</sup>

Víctor Hugo (*La légende des siècles*), Guillaume Apollinaire (*El Bestiario* o *El Cortejo de Orfeo*), en colaboración con Raoul Dufy que ilustra su texto; Paul Valéry (soneto *Le mhyte du poète: Orphée*):

Je compose en esprit, sous les myrtes, Orphée  
L'Admirable!... Le feu, des cirques purs descend;  
Il change le mont chauve en auguste trophée  
D'où s'exhale d'un dieu l'acte retentissant.

Si le dieu chante, il rompt le site tout-puissant;  
Le soleil voit l'horreur du mouvement des pierres;

---

<sup>34</sup> Rainer María Rilke, *Los sonetos a Orfeo*, Primera parte, XXVI, Madrid, Hiperión, 2010, p. 61.

Une plainte inouïe appelée éblouissants  
Les hauts murs d'or harmonieux d'un sanctuaire.

Il chante, assis au bord du ciel splendide, Orphée!  
Le roc marche, et trébuche; et chaque pierre fée  
Se sent un poids nouveau qui vers l'azur délire!

D'un Temple à demi nu le soir baigne l'essor,  
Et soi-même il s'assemble et s'ordonne dans l'or  
À l'âme immense du grand hymne sur la lyre!<sup>35</sup>

Tennessee Williams (*La caída de Orfeo*), Guillermo Sheridan (*Señales debidas*)... Eles também são mais alguns dos vários autores que foram atraídos pelo tema órfico.

Em todos os campos de plástico são imagens de Orfeu; pintura, escultura, gravuras, mosaicos e chamadas artes decorativas, até mesmo cômico: esculturas sicilianos da Magna Grécia, mosaicos romanos, como preservados em Laon, um dos maiores do mundo dez mais bonitas, ou o Museu Provincial Zaragoza; Gravuras medievais, apesar da coerção teocrática da Igreja; emergência do tema no Renascimento e Barroco, com pinturas de Durer, Bellini, Ticiano, Hans Leu, Bronzino, Tintoretto, Brueghel, o Velho, Rubens, Domenico Croci Frilli, François Perrier, Aelbert Cuyp ... e deste profusão funciona a partir de neoclassicismo à banda desenhada, via realismo, romantismo, simbolismo, pintura metafísica ... em suma, todas as correntes e avant-garde, com esses representantes de destaque como Antonio Canova, William Blake, Charles Paul Landon, Louis Ducis, Ingres, Corot, Delacroix, Émile Lévy, Jean Baptiste Philippe Bin, Gustave Moreau, Frederic Leighton, Rodin, Odilon Redon, John William Waterhouse, Alexandre Séon, Georges Callot, Franz von Stuck, Melchior Lechter, Charles de Soussy Rickett, John Duncan, Jean Delville Giorgio de Chirico, Marc Chagall, Gerhard Marcks...

O mito de Orfeu também está presente na música, e maneira muito preliminar da ópera, com mais de cem composições entre os séculos XVI e XXI. *La Favola d'Orfeo* (1607), Claudio Monteverdi, ópera em cinco actos, com libreto de Alessandro Striggio, baseado no

---

<sup>35</sup> Paul Valéry, *Collected Works a Paul Valéry*. Volume 1.Poems (Ed. David Paul), Princeton N. J., Princeton University Press, 1971, p. 8.

poema "L'Euridice" por Ottavio Rinuccini, é emblemático porque, pela sua estrutura, pode muito bem considerado o ponto de partida do gênero, como tal, uma vez que as criações anteriores não foram completamente definidos. No entanto, não pode ser descrita como o primeiro oficialmente ópera de todos. Sabe-se que houve outros precedentes derivados chamada operística Camerata Fiorentina,<sup>36</sup> trabalhos que têm o mérito de ser precursores; entre eles destacam-se: L'Euridice (1600), de Jacopo Peri e L'Euridice (1602), Giulio Caccini, ambos os escores inspirados pelo texto de Rinuccini. Depois de Monteverdi Orfeo também dolente estréia (1616), Domenico Belli, La Morte d'Orfeo (1619), Stephano Landi, L'Orfeo (1637), aparentemente perdido ópera do compositor italiano Benedetto Ferrari, Orpheus und Euridice (1638), o alemão Heinrich Schütz, Orfeo (1647), Luigi Rossi, primeiro trabalho para a corte francesa, diretamente encomendado pelo cardeal Mazarin, L'Orfeo (1672-1673), de Antonio Sartorio, The Mask of Orpheus (1673), o Inglês Matthew Locke, L'Orfeo (1677), Francesco Provenzale, La lira d'Orfeo (1683), de Antonio Draghi, Hollen-Stürmende Der Liebes-Eifer, Orfeu und Eurydice (1683), de Johann Philipp Krieger, Orfeu (1689), Johann Kuhnau, inganna spesso Love (1689), Bernardo Sabadini em uma revisão de L'Orfeo Sartorio, Orphée (1690), Louis Lully, filho do famoso Jean-Baptiste Lully, Orpheus (1698-1699), o compositor de ópera prolífico Reinhard Keiser e muitas outras pontuações como Orfeu e Eurídice (1715), o austríaco Johann Joseph Fux, Orfeu e Eurídice (1740), Georg Christoph Wagenseil, e, claro, Orfeu e Eurídice Christoph W. Gluck ópera em três atos, com libreto de Raniero Calzabigi, que estreou em Viena em 1762, maravilhoso em sua simplicidade e beleza, que envolveu apenas três personagens, um coro e um ballet.

Aqui são notáveis Orfeo (1776), de Ferdinando Bertoni, El Segundo Orfeo (1787), Carl von Dittersdorf Ditters, L'anima del filósofo, ossia, Orfeo ed Euridice, ópera em quatro atos por Joseph Haydn, com base Também em Ovid, composto em 1791, embora não estréia até 1951, Orfeu uma Euridice, oder Então geht es im Olympus zu (1813), Ferdinand agosto

---

<sup>36</sup> La Camerata Fiorentina era una especie de tertulia, auspiciada por el mecenas Giovanni Bardi, y conformada por humanistas y artistas, en la que se debatían diferentes temas acerca de la literatura y la música, lo que hizo posible la producción de distintas obras, como *Dafne*, compuesta en 1597 por Jacobo Peri, eventualmente la primera creación en toda la historia de la ópera.

Kauer, A morte de Orpheus, monólogo e Bacanal (1827), de Hector Berlioz, e os dois atuam enfers quadrinhos aux Orphée ópera (1858), de Jacques Offenbach, cujo fim é conhecido como o famoso cancan, se tornaria a marca registrada do parisiense Moulin Rouge.

Lenda órfico vai ser inspirador para este dia posteriores óperas, como Les malheurs d'Orphée (1925 a 1926) de Darius Milhaud, Orfeu und Eurydice (1926), Ernst Krenek, Orpheito, oi, oi (1931) Gustave Charpentier, Orfeu (1940) Carl Orff, uma versão em alemão da ópera de Monteverdi, Eurydice (1972), Jean-Michel Damase, The Mask of Orpheus (1986) Harrison Birtwistle, um dos últimos Orfeas (2011 ), British músico de rock ópera Juiz Smith.

O tema de Orfeu foi adaptado, também, nos mais diversos gêneros: o madrigal Venha desconsolado Orfeu (1611), o compositor elizabetano William Byrd, o oratório La descente d'Orphée aux enfers (1683), de Marc Antoine Charpentier, o cantata Il Pianto d'armonia per la morte d'Orfeo (1808), Gioachino Rossini, mentiu Mentiu des Orpheus als er in die Ging Hölle (1816), Franz Schubert, o poema sinfônico Orpheus (1853-1854) Franz Liszt, músicas cortejo Bestiaire OU d'Orphée (1919) por Francis Poulenc, a Neue Orfeu (1927), Kurt Weill, e muitos outros cantata e várias composições musicais para diferentes ordens.

Além disso, Orfeo tem levado também a música para ballet, como Orfeo ed Euridice (1763), composta pelo austríaco Florian Johann Deller, o mimodrama Orphée (1913) de Jean Roger-Ducasse, Orfeu (1947), o famosa Igor Stravinsky, um de seus inspirado no mundo clássico, que emerge de uma fonte literária como Metamorfoses de Ovídio, foi coreografado por Balanchine grandes criações. Mais tarde, o ballet Orpheus (1978-1979) prolífico alemão Hans Werner Henze, que também escreveu a obra coral Orfeu Behind the Wire (1981-1983), e na mesma década, e com base na ópera foi estreada Gluck, Pina Bausch<sup>37</sup> criar, em 1973, a coreografia do balé Orfeu e Eurídice, colocando tanto no palco como cantores dançarinos, em uma convergência esplêndida de papéis.

---

<sup>37</sup> La bailarina y coreógrafa alemana Pina Bausch fusionó, asimismo, la danza contemporánea con la ópera en su espectáculo *Ifigenia en Tauride*, sobre otra creación operística homónima de Gluck.

Além disso, o lendário cantor tem sido um filme motivo central. A este respeito, vale a pena mencionar o trabalho de borda dois cineastas: Jean Cocteau y Marcel Camus. El polifacético Cocteau<sup>38</sup> compõe um sonho e surreal órfico Trilogy, que inclui *Le sang d'un poète* (1930) *Orphée* (1950) e *Le Testament d'Orphée, or ne pas pourquoi me Demandez!* (1960), adaptado do mito grego ao contemporâneo Paris intelectual dos anos cinquenta. Enquanto isso, Camus Orfeu Negro estreou em 1959, filme de sucesso mista, recriando um, sedutor, condutor eléctrico brasileiro, que se reúne a sua Eurydice no turbilhão do Carnaval do Rio de Janeiro Orfeu. Apesar de suas grandes diferenças, em ambas as obras reúne cinema e literatura, a construção de uma alegoria complexo de desejo, amor e morte.

### **Conclusão**

A morte de Orfeo não foi em vão, sua lira continuou a emitir sons celestiais no céu, onde ele foi transformado em uma constelação. Como o mesmo ciclo órfico (-morte-vida-morte a vida), poesia, música, artes visuais, em suma, todas as artes representam inúmeras possibilidades de promoção e despromoção criativo, sempre desejado para alcançar a perfeição e nunca recebi . Hoje, como ontem, a música metafóricidade de Orfeu ainda está vivo. O romancista vitoriano Anthony Trollope nos dá uma razão para isso, admiravelmente descrevendo o som de uma cítara:

Leitor, você já ouviu uma cítara. Quando tocou como alguns músicos fazer em Viena, que combina os tons mais melódico da voz humana. Cantar o amor, e depois chorar decepções até que nos invade uma melancolia que não podemos escapar, nem nunca quiserem escapar. Ele fala como nenhum outro instrumento sabe como, e com eloquência maravilhosa revela toda a tristeza em que se deleita. Transpira amargura e nos empurra para recriar na plenitude do que tormento imaginário e compreender os prazeres misteriosos do amor e não sabe as palavras. Enquanto as notas estão vivos, enquanto a música está no ar, a audição atinge avidamente cobijam qualquer nuance insignificante que sai do instrumento, eo som mais leve do lado de fora se torna uma ofensa. As notas de cair e cada vez mais, em seu triste lamento suave, de dor requintado, até que os ouvintes os assalta o medo de perder algo em sua luta para continuar a ouvir. E eles temem que invade sua audição, perdido em uma espécie de letargia, deixe o seu cérebro fora dos últimos, mais delicadas e doces bússolas, o tesouro mais precioso da música que eles têm vindo a seguir com toda a

---

<sup>38</sup> Fue también pintor y escritor, llegando a colaborar con compositores como Satie y Stravinsky, y con artistas plásticos como Picasso.



intensidade de desejo prolongado. E quando a harpa é silenciosa, é uma memória maravilhosa juntamente com profundo pesar.<sup>39</sup>

Esta música continua a encantar nossos ouvidos com as notas na memória do Orpheus divina.

## Bibliografía

- Apolodoro (2001), Biblioteca, Libro I, 2, Madrid, Gredos.
- Argonáuticas órficas (2002). Himnos órficos, Madrid, Gredos.
- Casadesús i Bordoy, Francesc Josep (1997), “Orfeo y orfismo en Platón”, en Taula: Quaderns de pensament, N° 27-28, Palma de Mallorca, Universitat de les Illes Balears, pp. 61-74.
- Esquilo (2000), Tragedias, Madrid, Gredos.
- Eurípides (2008), Tragedias, Madrid, Gredos.
- García Gual, Carlos (1997), Diccionario de mitos, Barcelona, Planeta.
- Góngora, Luis, de (2000), Obras completas, Buenos Aires, Nueva Hécade.
- González Delgado, Ramiro (2002-2003), “Autores griegos cristianos y ‘anábasis’ órfica”, en Archivum. Revista de la Facultad de Filología, Tms. LII-LIII, Oviedo, Universidad de Oviedo, pp. 196-224.
- Grimal, Pierre (1989), Diccionario de mitología griega y romana, Barcelona, Paidós.
- Guthrie, W. (2003), Orfeo y la religión griega, Madrid, Siruela.
- Lírica griega arcaica (Poemas corales y monódicos, 700-300 a. C.), (2002) Madrid, Gredos.
- Martínez Berbel, Juan Antonio (2002), “Algunas calas en el mito de Orfeo y su representación áurea”, en AISO, Actas VI, Centro Virtual Cervantes, pp. 1277-1287.
- Orfeo. El poder encantador de la música y la palabra. En línea: <http://www.liceus.com/cgi-bin/aco/culc/mit/08400.asp>
- Orfismo. En línea: <http://www.skymoon.wordpress.com/2008/05/20/orfismo>
- Ovidio (2012), Metamorfosis, Madrid, Gredos.
- Píndaro (1984), Odas y fragmentos, Madrid, Gredos.

---

<sup>39</sup> Anthony Trollope, *Noviazgo y matrimonio. Cuentos*, Barcelona, Alba, 2011.

- Platón (2000), Diálogos, Vol. I, Madrid, Gredos.
- Diálogos (2008), Vol. III, Madrid, Gredos.
- Quevedo y Villegas, Francisco, de (1952), Obras completas. Verso, Madrid, Aguilar.
- Rilke, Rainer María (2010), Los sonetos a Orfeo, Primera parte, XXVI, Madrid, Hiperión.
- Sánchez Ortiz de Landaluce, Manuel, “Ritual y sacrificio en las Argonáuticas órficas”, en Classical and Byzantine Monograph, N° 36, Amsterdam, Adolf M. Hakkert, pp. 170-184.
- Santamaría Álvarez (2003), “Marco Antonio, Orfeo y el orfismo. Actualización bibliográfica (1992-2003)” en ‘Ilu Revista de Ciencias de las Religiones, Madrid, Universidad Complutense de Madrid, pp. 225-264.
- Taboada Ferrer, Jesús (2006), Musa celeste I, Madrid, Akal.
  - (2008) Musa celeste II, Madrid, Akal.
- Trollope, Anthony (2011), Noviazgo y matrimonio. Cuentos, Barcelona, Alba.
- Valdés, Enrique, Música y poesía: el mito de Orfeo en la poética del Renacimiento español. En línea:[http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0718](http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718)
- Valéry, Paul (1971), Collected Works a Paul Valéry. Volume 1. Poems (Ed. David Paul), Princeton N. J., Princeton University Press.
- Virgilio (2008), Geórgicas, Madrid, Gredos.